

DEMOGRAFIA E PROSPECTIVA. A REGIÃO DO MINHO LIMA (1801-2020)

Por TERESA RODRIGUES*

O Minho Lima, sub-região estatística NUT III, constitui parte da Região Norte e engloba a totalidade dos 10 concelhos do distrito de Viana do Castelo: Arcos de Valdevez, Caminha, Melgaço, Monção, Paredes de Coura, Ponte da Barca, Ponte de Lima, Valença, Viana do Castelo e Vila Nova de Cerveira. Com efeito, esta foi das poucas regiões que não sofreu qualquer reordenamento ou alteração de superfície na divisão administrativa adoptada para fins estatísticos em 1991.

De acordo com os resultados definitivos do último recenseamento geral da população (12 de Março de 2001), a região, com 2219.3km², representava 2.41% do espaço geográfico nacional e nela residia 2.42% da população portuguesa. Este aparente equilíbrio entre número total de residentes e superfície esconde, no entanto, características muito diversas de ocupação do território e profundas assimetrias de dinâmica interna.

O objectivo que traçamos para as páginas que se seguem parte desta afirmação, muito embora os inevitáveis constrangimentos de ordem prática obriguem a várias opções de partida. Assim, a análise a que nos propomos irá restringir-se numa primeira fase à percepção das grandes linhas de mudança e/ou de relativa imutabilidade que

* Docente do Departamento de Estudos Políticos da Universidade Nova de Lisboa.

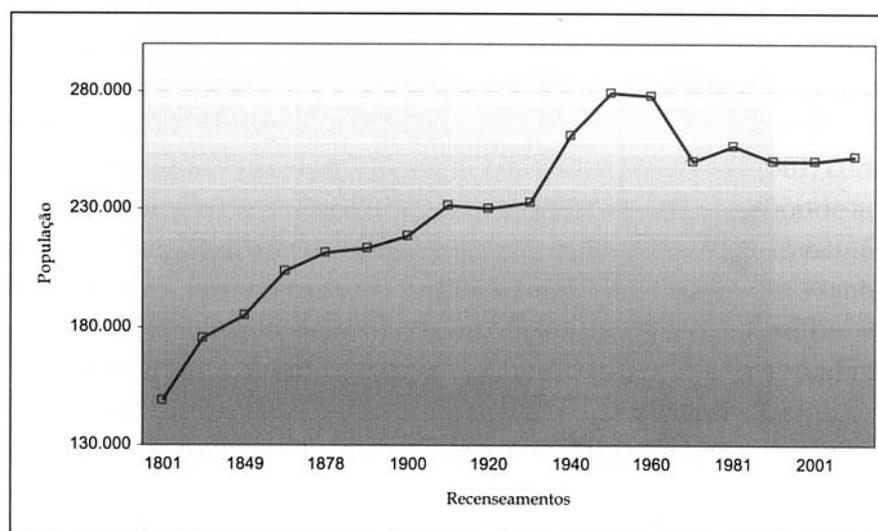
caracterizam as populações da região do Minho Lima, no horizonte temporal dos últimos dois séculos. Privilegiamos uma dupla perspectiva, que tenha em conta a posição relativa desta zona no contexto português, mas também destaque as assimetrias com algum significado que sabemos existirem no seu interior. As três últimas décadas do século XX serão objecto de uma análise de pormenor, uma vez que elas representam na história dos comportamentos colectivos das gentes nacionais o período de maior e de mais visível mudança. A região minhota não esteve afastada dessas novas formas de pensar e agir, as quais introduziram profundas alterações em termos dos volumes e características etárias das populações aí residentes.

Portugal, tal com os seus congéneres da União Europeia, apresenta hoje um modelo demográfico com características quase uniformes, marcado por uma situação inédita de equilíbrio entre os volumes anuais médios de nascimentos e óbitos, enquadrados por esperanças médias de vida elevadas e por níveis baixos de fecundidade, dificilmente modificáveis num horizonte próximo. A situação actualmente vivida remete para uma crescente dependência dos volumes e sentidos dos fluxos migratórios.¹ Com efeito, os ritmos de aumento demográfico dos residentes em Portugal estariam muito próximos do zero desde 1981, não fora o impacto dos movimentos migratórios de sentido positivo terem fomentado uma certa dinâmica interna a partir da segunda metade da década de 90, a qual se mantém até hoje. Num contexto pouco favorável ao aumento do número de portugueses, se apenas baseado na relação entre volumes de nascimentos e óbitos, o devir de cada região e as suas respectivas potencialidades de desenvolvimento parecem estar dependentes da intensidade e direcção das migrações à escala nacional. O papel determinante que durante muitas décadas

1 J. Manuel Nazareth, "Prospectiva do envelhecimento demográfico na União Europeia", in *População e Sociedade*, nº2, Porto, 1996, pp.77-96.

pertenceu à emigração tende agora a passar para outras vertentes migratórias, que são as migrações internas e também, cada vez mais, a imigração.² No que concerne a região do Minho Lima esta questão será desenvolvida, embora apenas numa escala macrodemográfica. O presente estudo termina com a apresentação de alguns cenários plausíveis de evolução prospectiva, no horizonte temporal de 2020.³

Figura 1. Evolução Demográfica de Viana do Castelo (1801-2005)



Na região em causa, os últimos duzentos anos foram de crescimento modesto, por razões diversas, de índole não demográfica. Entre 1801 e 2005 o distrito de Viana do Castelo passou dos 148684 aos

2 Teresa Rodrigues Veiga, *A População Portuguesa no Último Século: permanências e mudanças*, *Ler História*, nº45, Lisboa, 2003, p.109.

3 Os resultados reflectem as primeiras conclusões do projecto *Regionalidade Demográfica e Diversidade Social*, subsidiado pela FCT (2005-2007), de que somos responsável. Tratam-se de conclusões ainda provisórias, às quais falta introduzir vários testes de análise estatística e qualitativa, mas que não quisemos deixar de apresentar.

251937 habitantes, o que equivale a uma variação positiva de apenas 69%. No entanto, o último total considerado representa a estimativa efectuada para 31.12. 2004 pelo Instituto Nacional de Estatística e reflecte uma inversão na tendência das últimas décadas do século XX, que permite encarar com algum optimismo o futuro próximo.⁴ (Tabela 1)

Tabela 1. Evolução da População de Viana do Castelo (1801-2005)

Anos	Pop. Total	Anos	Pop. Total
1801	148684	1930	232827
1837	175015	1940	261139
1849	185038	1950	279486
1864	203721	1960	277748
1878	211619	1970	250510
1890	213600	1981	256814
1900	218525	1991	250059
1911	231668	2001	250275
1920	230122	2005	251937

Fonte: *Recenseamentos Gerais da População Portuguesa*

Os valores da **Tabela 1** merecem-nos, a este propósito, alguns considerandos suplementares. A evolução do volume total de habitantes em determinada região reflecte a sua história de vida quotidiana. Sem a conhecermos, arriscamo-nos a não compreender a actualidade e, por maioria de razões, o futuro possível. Como sempre acontece a quem procure apreender as dinâmicas próprias das populações do passado, as certezas quanto ao número total de residentes e aos ritmos

⁴ Sobretudo se atendermos à dinâmica económica e social que nos últimos anos tem caracterizado esta região nortenha. Cf. *Estimativas da População Residente. Portugal, NUTS II, NUTS III e Municípios*, INE, Lisboa, 2004, (www.ine.pt – INFOLINE).

e direcções do crescimento local nos diferentes anos apresentam-se em número e qualidade muito variável e devem ser encaradas como ordens de grandeza, mais do que como valores exactos. Esta enorme dependência face à qualidade das fontes de informação parece estar parcialmente resolvida na sequência das tentativas de contabilizar o número total de portugueses em 1801 e 1802, por iniciativa de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, e é solucionada nos anos 60 desse século, no momento da realização do primeiro recenseamento geral da população portuguesa, a 1 de Janeiro de 1864. A partir desta data, a produção regular de estatísticas com o volume, características estruturais e movimento de população (nascimentos, óbitos, migrações) torna possível maiores certezas quanto às dinâmicas demográficas da população portuguesa.

Na sequência dos apuramentos efectuados no ano de 1801, contabilizaram-se 148684 almas na área que actualmente corresponde ao distrito de Viana do Castelo.⁵ A nível administrativo, esse volume total de habitantes apresentava-se repartido entre as comarcas de Viana, Valença e Barcelos, cada uma das quais subdividida em múltiplas localidades com diferentes estatutos.⁶ Em termos locais era nítida a supremacia de Viana do Castelo, com mais de 30 mil residentes, secundada por Arcos de Valdevez, Monção e Ponte de Lima, qualquer destas com mais de 20 mil habitantes. Algumas contagens posteriores, feitas com propósitos de reorganização administrativa ou eleitoral e publicados em *Diários de Governo* coevos, remetem-nos para valores

5 Anexo A.

6 A comarca de Viana compreendia as terras de Albergaria, Amarfes, Arcos de Valdevez, Coura, Geraz do Lima, Lanheses, Lindoso, Monção, Pico de Regalados, Ponte da Barca, Ponte de Lima, Rebordões, S. Estêvão da Facha, Sta Marta do Bouro, Soajo, Terras do Bouro, Viana, Vila Garcia e Vila Nova de Cerveira. Compreendia também os Coutos de Aboim da Nóbrega, Bertandos, Bouro, Gomide, Paredes Secas, Queijada e Boalhosa, Rendufe, Sanfins, Souto e Valdreu. A comarca de Valença compreendia Caminha, Valadares e Valença. Melgaço pertencia à comarca de Barcelos. (cf. *Os Recenseamentos da População Portuguesa de 1801 e 1849. Edição Crítica*, Luís Espinha da Silveira (coord.), vol.I, INE, Lisboa, 2001pp. 202 e 218-226).

aproximados, embora só contemplem o número total de fogos e, por esse facto, inviabilizem uma comparação directa com os dados de população existentes para outras datas.⁷

Em termos genéricos, durante a primeira metade de Oitocentos, a população da actual NUT Minho Lima aumentou cerca de 25%, a julgar pelos resultados de nova contagem efectuada em 1849 a nível nacional. Foi então adiantado o total de 185038 almas para a região considerada, com ligeiras alterações ao nível da hierarquia interna das localidades. A liderança continuava a pertencer ao concelho de Viana, que ultrapassava em meados da centúria os 36 mil residentes, secundado por Ponte de Lima, que se aproximava dos 30 mil, por Arcos de Valdevez, com 29 mil, e por Monção, com quase 25 mil habitantes. Em termos globais, as primeiras décadas de Oitocentos foram de crescimento razoável (**Tabela 2**), superior em muitos casos ao verificado no Reino⁸, mas que no futuro próximo sofrerá quebras significativas.

A partir da segunda metade do século XIX, o distrito de Viana do Castelo começa a perder dinâmica interna de crescimento, em parte consequência do tipo de actividades económicas predominantes, nomeadamente as agrícolas e as piscatórias. Tal resultado contrasta com o facto de pertencer a uma zona caracterizada por grandes saldos naturais.⁹ A explicação para as tendências observadas, só na

7 Com efeito, para o ano de 1801 e 1849, o número de fogos ou agregados era estimado em 32911 e 31431, respectivamente (cf. *Os Recenseamentos da População Portuguesa de 1801 e 1849. Edição Crítica*, Luís Espinha da Silveira (coord.), vol.I, pp. 202 e 218-226 e vol.II, pp.764-771). Decidimos, no entanto, não explorar este tipo de informação, conscientes embora do seu interesse para a época a que se reportam e a deficiente qualidade das informações sobre total de residentes.

8 Teresa Rodrigues Veiga, *A População Portuguesa no Século XIX*, pp.22-24. Cf. **Tabela 4** deste estudo.

9 Ou seja, por diferenças significativas de sinal positivo entre o número anual de nascimentos e de óbitos. Sobre esta questão, concordamos com Miriam Halpern Pereira (*Livre-câmbio e Desenvolvimento Económico*, p.24). Esta historiadora defende a existência de três zonas de comportamento diferenciado no Portugal oitocentista. O distrito de Viana do Castelo pertence ao “Portugal Litoral”, juntamente com Bra-

Tabela 2. Evolução da População Residente - Século XIX

	1801	1849	1900	Variação Global (%)	
				1801-49	1849-00
Mínho- Lima	148209	185038	219315	24,9	18,5
Arcos de Valdevez	23151	28983	31968	25,2	10,3
Caminha	9232	12167	15288	31,8	25,7
Melgaço	6672	9472	15558	42,0	64,3
Monção	21869	24972	24877	14,2	-0,4
Paredes de Coura	8453	10618	13091	25,6	23,3
Ponte da Barca	10605	9488	12962	-10,5	36,6
Ponte de Lima	21093	29869	33314	41,6	11,5
Valença	10559	13984	15255	32,4	9,1
Viana do Castelo	30122	36084	47311	19,8	31,1
Vila Nova de Cerveira	6453	9401	9691	45,9	3,1

Fonte: Recenseamentos da População Portuguesa, Vol.I, pp.218-26 e Vol II, pp.764-771

aparência contraditória, remete-nos para o papel desempenhado pela mortalidade e, sobretudo, pela emigração, que será decisivo no futuro regional até entrado o século XX. Na 2ª metade do século XIX e primeira do seguinte, o distrito aumenta 19 e 27%, respectivamente. Mas entre 1950 e 2001 diminui 10% o total de residentes, para voltar a subir no primeiro quinquénio do século XXI, apenas devido à imigração.

Com efeito, o crescimento regional viu-se travado ao longo de todo o século passado pelos efeitos muito negativos dos fluxos migratórios de saída dos seus naturais, embora continuasse a ser uma

ga, Aveiro, Coimbra, Leiria e Santarém. Caracterizam-se por níveis de mortalidade baixos, que contrastam com níveis elevados de natalidade e sustentam ritmos de crescimento natural significativos. Faltaria apenas mencionar que são zonas com forte tradição emigratória, sobretudo os distritos do norte, o que influencia negativamente os ritmos de crescimento do número total dos seus habitantes.

zona das mais dinâmicas em termos de crescimento natural. É o saldo migratório negativo que explica a gradual perda de importância relativa da região face ao total do país, tendência que será agravada nos anos 90 do século XX, num momento em que a diferença entre nascimentos e óbitos se tornou também ela desfavorável ao crescimento populacional. No entanto, os papéis das variáveis micro demográficas invertem-se nos últimos anos. A terminar o século passado e no primeiro quinquénio do século XXI, as migrações colmatam a desvantagem entre total anual de nascimentos e óbitos e imprimem um ligeiro aumento do número de habitantes. A NUT Minho Lima torna-se uma zona atractiva, onde o número de entradas ultrapassa o de saídas.¹⁰

Em termos relativos, a sua posição percentual em relação ao total de residentes em Portugal nos diferentes momentos de contagem censitária é conhecida e reflecte as vicissitudes e hesitações do desenvolvimento regional.¹¹ (**Tabela 3**) Ao iniciar-se o século XX, Viana do Castelo representava 4,0% da população portuguesa, mas este valor reduz-se ininterruptamente a partir de 1900, atingindo o seu momento mais grave em 2001, ano em que constituía apenas 2,4% da população total. Hoje retomaram-se os valores do início da década de 90, embora seja prematuro afirmar com inteira segurança se a actual inversão tem contornos de sustentabilidade.¹²

10 Entre 1991 e 2001, a diferença entre Nascimentos e Óbitos foi estimada em -5472, contra um saldo migratório positivo de 5686, o que prova que a região cresce tão só devido à tendência positiva dos movimentos migratórios. (Teresa Rodrigues Veiga, *A População Portuguesa no Último Século: permanências e mudanças*, *Ler História*, nº45, Lisboa, 2003, p.108).

11 Teresa Rodrigues, "A População Portuguesa nos dois Últimos Séculos", p.102.

12 Retomaremos esta questão na parte dedicada aos cenários prospectivos.

Tabela 3. Evolução Percentual de Viana do Castelo no Contexto Nacional

Anos	%	Anos	%
1801	5,1	1930	3,4
1837	5,4	1940	3,4
1849	5,4	1950	3,3
1864	5,1	1960	3,1
1878	4,8	1970	2,9
1890	4,3	1981	2,6
1900	4,0	1991	2,5
1911	3,9	2001	2,4
1920	3,8	2005	2,5

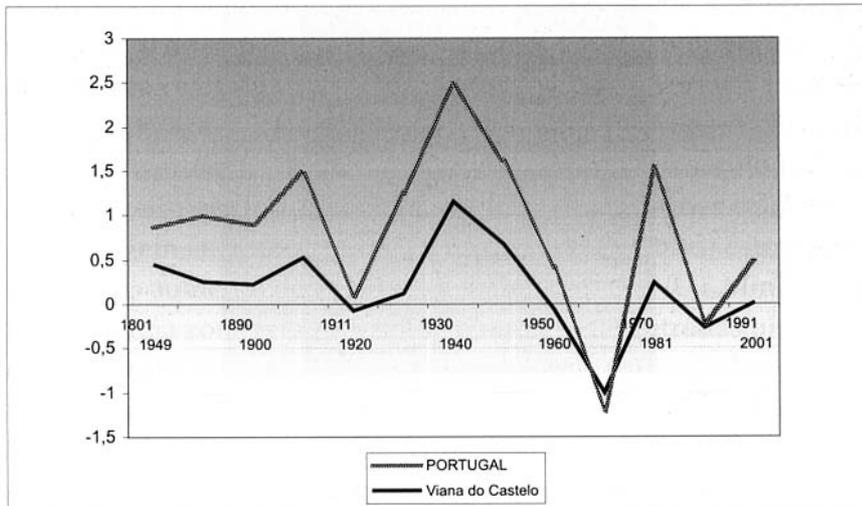
Fonte: XI^o a XIV^o Recenseamento Geral da População Portuguesa

A redução de importância demográfica de Viana do Castelo em termos nacionais é explicada pelo facto da região apresentar ao longo dos últimos duzentos anos taxas de crescimento anual médio inferiores às nacionais. A **Figura 2** permite visualizar essa desvantagem, especialmente notória nos períodos em que o distrito perde população, o que se vem a tornar uma situação recorrente a partir dos anos 50 (1911-1920, 1950-1970, 1981-2001).¹³ Com efeito, esta foi das unidades administrativas mais penalizadas durante a segunda parte do século XX, sendo parte integrante de uma zona mais ampla do ponto de vista geográfico, que foi manifestamente incapaz de criar as condições necessárias para reter os seus naturais. Ainda assim, Viana nunca apresentou valores tão negativos quanto algumas das suas congéneres.¹⁴

13 Teresa Rodrigues, "A população portuguesa nos séculos XIX e XX. O acentuar das assimetrias de crescimento regional", Revista *População e Sociedade*, nº1, Porto, 1995, p.60; Teresa Rodrigues Veiga, *A População Portuguesa no Último Século: permanências e mudanças*", p.105. (**Tabela 4**)

14 "Referimo-nos a toda a província de Trás-os-Montes (Bragança e Vila Real), a Viseu e à Guarda que com eles confinam e a Coimbra." Veja-se o modelo de cres-

Figura 2. Ritmos de Crescimento Anual Médio de Viana do Castelo no Contexto Nacional



As nossas últimas considerações encontram na **Tabela 4** o necessário suporte quantitativo. Nela se apresenta o contributo dos saldos naturais ou fisiológicos¹⁵ e dos saldos migratórios¹⁶ para os ritmos de (de)crescimento global da população residente na região e em Portugal como um todo, nos dois últimos séculos. Os resultados permitem avaliar o grau de vulnerabilidade do distrito às flutuações migratórias. Com efeito, a evolução do número de habitantes na NUT III teria sido bastante mais significativa e constante, não fora alguma imprevisibilidade imposta pelos valores migratórios, os quais, embora sempre negativos até aos anos 90, apresentam intensidades diversas. Em termos de longa duração, as décadas de 50, 60 e 80 constituem os momentos mais adversos na conjuntura regional.

cimento diferencial de regiões que traçámos para as diferentes regiões do país na última centúria. (in Teresa Rodrigues Veiga, *A População Portuguesa no Último Século: permanências e mudanças*, p.102).

15 Diferença entre totais absolutos de Nascimentos e Óbitos.

16 Diferença entre totais absolutos de Imigrantes e Emigrantes.

Tabela 4. Factores de crescimento da população de Viana do Castelo nos séculos XIX e XX

Anos	1801 1849	1850 1890	1890 1900	1900 1911	1911 1920	1920 1930	1930 1940	1940 1950	1950 1960	1960 1970	1970 1981	1981 1991	1991 2001
Taxa de Crescimento Total													
Viana do Castelo	0,45	0,25	0,23	0,53	-0,07	0,12	1,15	0,68	-0,06	-1,00	0,24	-0,27	0,01
PORTUGAL	0,42	0,75	0,67	0,94	0,16	1,12	1,32	0,93	0,46	-0,22	1,29	0,04	0,45
Taxa de Crescimento Natural													
Viana do Castelo			0,31	0,64	0,10	0,26	1,26	0,82	0,27	-0,45	0,35	0,02	-0,22
PORTUGAL			1,01	1,20	0,79	1,26	1,15	1,05	1,22	1,15	0,85	0,34	0,08
Taxa de Crescimento Migratório													
Viana do Castelo			-0,08	-0,11	-0,17	-0,14	-0,11	-0,14	-0,33	-0,55	-0,11	-0,29	0,23
PORTUGAL			-0,34	-0,34	-0,65	-0,02	0,09	-0,16	-0,74	-1,36	-0,44	-0,31	0,37

Fonte: *Recenseamentos Gerais da População Portuguesa*

Uma vez efectuada esta primeira avaliação global das dinâmicas longas da região do Minho-Lima, interessa saber um pouco mais sobre as diferenças internas do espaço considerado. A análise demográfica tem neste caso a sua tarefa facilitada, uma vez que não existiram alterações de superfície. As primeiras observações surgem na sequência da leitura dos valores da **Tabela 5**, que apresenta em diferentes momentos a importância populacional de cada concelho face ao total. Os concelhos que compõem a NUT Minho Lima mantiveram as suas posições relativas até final de oitocentos, com um claro domínio de Viana do Castelo, que se acentua à medida que avançamos no tempo, mesmo quando a região no seu todo vê diminuir o número de residentes. Processo semelhante ocorre em Ponte de Lima, também ela a ganhar alguma importância relativa no contexto local. Todos os outros concelhos se parecem “esvaziar” em favor deste dois primeiros, com excepção de Valença e Vila Nova de Cerveira, sem um comportamento constante em termos tendenciais. Os dois concelhos mais populosos no início de Oitocentos são os grandes derrotados. Arcos de Valdevez e Monção perdem quase metade da sua importância relativa entre os séculos XIX e XX.

Tabela 5. Importância relativa da população residente nos concelhos de Viana do Castelo (1801-2001)

	1801	1900	1940	1970	1981	1991	2001
Arcos de Valdevez	15,9	21,5	14,3	13,7	12,1	10,8	9,9
Caminha	6,2	10,3	6,3	5,5	6,2	6,5	6,8
Melgaço	4,5	7,1	6,8	6,3	5,2	4,4	4,0
Monção	14,7	11,3	10,6	9,8	9,3	8,7	8,0
Paredes de Coura	5,7	6,0	6,0	5,2	4,4	4,2	3,8
Ponte da Barca	7,1	5,9	5,8	5,9	5,5	5,3	5,2
Ponte de Lima	14,2	15,2	15,6	16,9	17,1	17,4	17,7
Valença	7,1	7,0	6,5	5,1	5,4	5,9	5,7
Viana do Castelo	20,3	21,6	24,1	28,1	31,5	33,2	35,4
Vila Nova de Cerveira	4,3	4,4	4,2	3,5	3,4	3,7	3,5

Fonte: XI^o a XIV^o Recenseamento Geral da População Portuguesa

A análise das taxas de crescimento anual médio concelhio, cujos resultados se apresentam para as últimas três décadas do século XX permite corroborar as afirmações anteriores. (Tabela 6) Na fase de crise demográfica de carácter regional, aberta a partir dos anos 50, os valores de crescimento distrital positivo ou nulo são influenciados pela evolução de Viana do Castelo e Ponte de Lima, que concentram entre 53 a 55% do total de habitantes da NUT. Para além destes últimos, o concelho de Caminha é o único que apresenta aumentos sempre positivos no horizonte de 1970-2001.¹⁷

A atracção urbana, um dos fenómenos mais marcantes do século XX também aqui se fez sentir, com as unidades concelhias detentoras de núcleos urbanos de maior dimensão a reterem os seus naturais e por vezes crescerem à custa das áreas limítrofes. No entanto, a cidade de Viana do Castelo só na década de 70 constitui um exemplo deste processo, que ocorre um pouco por todos as cidades e vilas do país,

¹⁷ Cf. *Estimativas da População Residente. Portugal, NUTS II, NUTS III e Municípios*, INE, Lisboa, 2004 (dados concelhios)

sobretudo na segunda metade do século XX. Com efeito, embora a cidade cresça, esse aumento deve-se apenas a Santa Maria Maior, já que Monserrate, a segunda freguesia urbana, perde população residente a partir dos anos 80.¹⁸ Não obstante, vários pólos de construção habitacional têm surgido em áreas contíguas, dando conta da transferência ou fixação de antigos e novos residentes (Areosa, Darque, Meadela...), qualquer deles a registar aumentos populacionais, mais expressivos nas décadas de 80 e 90.

Tabela 6. Taxas de Crescimento Anual Médio dos concelhos de Viana do Castelo (1970-2001)

	1970-1981	1981-1991	1991-2001
Minho- Lima	0,24	-0,26	0,01
Arcos de Valdevez	-1,00	-1,40	-0,90
Caminha	1,50	0,20	0,50
Melgaço	-1,70	-1,80	-1,00
Monção	-0,30	-0,90	-0,90
Paredes de Coura	-1,30	-0,80	-0,90
Ponte da Barca	-0,50	-0,60	-0,20
Ponte de Lima	0,30	-0,10	0,20
Valença	0,80	0,60	-0,40
Viana do Castelo	1,40	0,30	0,70
Vila Nova de Cerveira	0,00	0,50	-0,30

Fonte: XI^o a XIV^o Recenseamento Geral da População Portuguesa

¹⁸ Valores totais das 2 freguesias urbanas: 12490 (1970), 15447 (1981), 15562 (1991), 15777 (2001). Nos mesmos anos, Santa Maria Maior regista os seguintes totais: 7110, 8397, 9145, 9940. Os totais de Monserrate são os seguintes: 5380, 7050, 6417 e 5837. Ao todo, a cidade de Viana cresce em média 2,1% ao ano entre 1970 e 1981, 0,07% entre 1981 e 1991 e 0,14% de 1991 a 2001.

Semelhante avaliação pode ser ainda apurada, se introduzirmos a questão das dinâmicas intraconcelhias. Na sequência do que afirmámos sobre a atracção urbana, importa avaliar melhor a existência de eventuais dicotomias entre espaços mais ou menos urbanizados. Como seria de esperar, atendendo à amplitude cronológica da análise, os concelhos que integram a região sofreram ao longo dos dois últimos séculos várias alterações quanto ao número total de freguesias. Apresenta-se na **Tabela 7** a distribuição das actuais 290 freguesias pelos concelhos, indicando para os últimos trinta anos do século passado o número das que registaram aumentos populacionais. O exercício que propomos tenta avaliar a capacidade que localmente existe para reter ou atrair novos residentes, atendendo às características específicas de povoamento local e aos seus padrões de urbanização difusa. À escala distrital, apenas um terço (de 96 a 133 freguesias) o conseguem, mas as situações vividas em Melgaço, Monção e Paredes de Coura contrastam com a realidade dos concelhos de Viana, Caminha e Ponte de Lima, onde mais de metade das freguesias aumenta. Em alguns casos só a área urbana regista variações positivas.¹⁹

¹⁹ Como sucede nos concelhos de Valença, onde das 16 freguesias existentes, só a urbana apresenta ritmos de crescimento positivo nos anos 90 (2,2% / ano).. O mesmo acontece em Pafedes de Coura. Das 21 freguesias, só Paredes de Coura e Linhares aumentam o número de residentes entre 1991 e 2001 (respectivamente 0,8 e 0,5% em média, por ano).

**Tabela 7. Dinâmicas Intraconcelhias
(freguesias com crescimento positivo 1970-2001)**

	NºFreg.	Com Crescimento Positivo		
		1970-81	1981-91	1991-01
Arcos de Valdevez	51	15	7	11
Caminha	20	12	12	10
Melgaço	18	4	-	1
Monção	33	13	7	3
Paredes de Coura	21	4	3	2
Ponte da Barca	25	7	7	5
Ponte de Lima	51	32	23	23
Valença	16	9	10	1
Viana do Castelo	40	30	18	26
Vila Nova de Cerveira	15	7	9	6
Minho - Lima	290	133	96	88

Fonte: *Recenseamentos Gerais da População Portuguesa*

Falamos de unidades com características muito diversas, do ponto de vista físico (superfície, relevo, níveis de ocupação humana) e também das vivências quotidianas (graus de bem-estar diferenciados). Por seu turno, as maiores áreas geográficas pertencem aos concelhos de Arcos de Valdevez (20%), Ponte de Lima (16%), Viana do Castelo (14%), Melgaço (11%) e Monção (10%). No seu conjunto, estes cinco concelhos agregam 71% da área geográfica da região, embora seja bastante inferior a sua importância em termos da percentagem de população residente.

É no concelho de Viana do Castelo que encontramos as maiores concentrações humanas. A densidade populacional é em média duas vezes superior à da região minhota, para o que contribui uma maior densificação urbana e alguma construção em altura. (**Tabela 8**) Note-se, porém, que no concelho a média de pisos por edifício não é excessivamente elevada. Os resultados definitivos do *IVº Recensea-*

mento Geral da Habitação (2001) referem a existência de 28956 edifícios e demonstram o predomínio das casas com um ou dois pavimentos, que representam, respectivamente, 29,5 e 58,4% do total. No seu conjunto, três quartos dos residentes concelhios habitam este tipo de construções. Porém, quando comparado com outros concelhos limítrofes, Viana possui maior número de edifícios com 3 ou mais pavimentos. Se acreditarmos que estes estarão maioritariamente situados nas freguesias urbanas, podemos concluir que a construção em altura tem especial significado na cidade. Com 4 ou mais pisos existem nas freguesias urbanas 1172 edifícios, o que representa 37,6% do total.

Tabela 8. Evolução das Densidades concelhias (1970-2001)

	Km2	1970	1981	2001
Minho- Lima	2.220,7	112,8	115,6	112,7
Arcos de Valdevez	446,8	76,9	69,7	55,4
Caminha	137,7	99,3	115,3	124,0
Melgaço	238,5	66,3	55,5	41,9
Monção	211,3	116,4	112,6	94,4
Paredes de Coura	138,6	93,6	81,6	69,1
Ponte da Barca	182,6	80,8	76,7	70,7
Ponte de Lima	321,5	131,9	136,2	137,9
Valença	117,2	109,6	119,0	121,0
Viana do Castelo	318,6	221,1	254,3	278,2
Vila Nova de Cerveira	107,9	80,1	80,3	82,0

Fonte: *Recenseamentos Gerais da População Portuguesa*

Para uma melhor caracterização da qualidade de vida na região Minho Lima pareceu-nos interessante incluir algumas informações adiantadas por Paulo Fonseca²⁰, sobre o desempenho regional e conce-

20 Paulo A. Lucas da Fonseca, "Índices de Desenvolvimento Concelhio", *Revista de Estatística*, vol.II, 2º Quadrimestre, INE, Évora, 2002, 34 pp.

lhio de todo o país, calculado em *ranking* com significado estatístico.²¹ O autor quantificou o nível de desenvolvimento económico e social das regiões e concelhos portugueses em 1998, sob a forma de índices parciais de desenvolvimento, em diferentes áreas.²²

Com base nas conclusões do estudo podemos verificar que a Região Norte apresenta em termos nacionais o segundo valor mais elevado, a seguir a Lisboa e Vale do Tejo. Os índices demográficos e de saúde e assistência social configuram, respectivamente, a sua melhor e pior classificação. Por seu turno, no contexto regional o Minho Lima figura a meio da tabela geral de Índice de Desenvolvimento Humano (78.4). Localmente existe alguma consistência em termos dos lugares ocupados pelos diferentes concelhos. O melhor posicionado é sempre o concelho de Viana do Castelo, excepto na área do emprego e das actividades económicas. Este último é seguido de longe por Caminha e Ponte de Lima, qualquer deles a manifestarem alguma dinâmica, que os coloca sempre na primeira metade do *ranking* concelhio. Situação diversa apresentam os concelhos de Arcos de Valdevez e Melgaço, os quais possuem em termos genéricos os piores indicadores. Seguem-se Monção e Paredes de Coura, também eles com índices pouco satisfatórios na maioria dos indicadores considerados na análise. **(Tabela 9)**

21 A selecção dos 39 indicadores foi efectuada por ajustes sucessivos, e posterior aplicação da análise factorial de componentes principais (ACP), apoiada no sistema informático SPSS (Statistical Package for Social Sciences).(Paulo Fonseca, p.4).

22 Dinâmica demográfica (ID), saúde e assistência social (IS e AS), educação e cultura (IE e C), rendimento (IR), emprego e actividade económica (IE e AE).

Tabela 9 - Índices de Desenvolvimento Local Concelhio

ID	IDE	ISAS	IE e C	IR	IE e AE	
Viana Castelo	91 Viana Castelo	95 Viana Castelo	96 Viana Castelo	90 Viana Castelo	91 Caminha	94
Caminha	82 Ponte de Lima	89 Paredes Coura	68 Caminha	88 Caminha	85 Valença	90
Minho-Lima	78 Minho-Lima	85 Minho-Lima	62 V.N.Cerveira	85 Minho-Lima	78 Viana Castelo	84
Valença	75 Valença	83 Caminha	51 Paredes Coura	84 Melgaço	76 Ponte de Lima	78
Ponte de Lima	74 Caminha	82 V.N.Cerveira	45 Minho-Lima	83 V.N.Cerveira	74 Minho-Lima	78
V.N.Cerveira	73 Ponte da Barca	80 Ponte de Lima	44 Ponte da Barca	82 Ponte da Barca	73 Monção	74
Ponte da Barca	72 V.N.Cerveira	77 Arcos Valdevez	44 Ponte de Lima	80 Valença	73 V.N.Cerveira	74
Paredes Coura	68 Monção	76 Melgaço	41 Melgaço	78 Monção	71 Melgaço	71
Monção	68 Arcos Valdevez	74 Ponte da Barca	41 Valença	78 Ponte de Lima	67 Ponte da Barca	66
Melgaço	68 Paredes Coura	73 Valença	34 Monção	74 Arcos Valdevez	66 Arcos Valdevez	64
Arcos Valdevez	66 Melgaço	67 Monção	34 Arcos Valdevez	74 Paredes Coura	65 Paredes Coura	60
Desvio	7,30	7,80	18,44	5,41	7,92	10,51
Amplitude	24,90	27,60	62,50	16,50	26,40	33,80

Fonte: Paulo Lucas da Fonseca, "Índices de Desenvolvimento Concelhio", *Revista de Estatística*, vol.II, 2º Quadrimestre, INE, Évora, 2002, 34 pp.

ID = Índice Desenvolvimento; IDE = Índice Demográfico; ISAS = Índice Saúde e Assistência Social; IE e C = Índice Educação e Cultura; IR = Índice Rendimento; IE e AE = Índice Emprego e Actividade Económica

As maiores assimetrias locais surgem na área da saúde e da assistência social e do emprego e actividade económica, como denotam os valores da amplitude e desvio padrão desta série, apresentados nas últimas linhas da tabela mencionada. A situação é especialmente gravosa no sector da saúde, com enormes assimetrias entre concelhos. O índice de carácter económico (IE e AE), é relega o concelho de Viana do Castelo para terceiro lugar, a alguma distância de Caminha e Valença, embora acima da média da NUT Minho Lima.

*Quadro humano

Os contornos estruturais da população por idade e sexo são um dos aspectos essenciais para avaliar as mutações registadas nas características dos residentes de determinada zona, permitindo em simultâneo verificar qual a situação actual e a provável evolução da mesma, relevante para as actuações concertadas a nível do desenvolvimento sustentável da região considerada. No caso concreto do Minho Lima, essa caracterização pode ser feita para os últimos duzentos

anos com base nas informações censitárias sobre o número total de efectivos de cada sexo recenseados em cada grupo etário quinquenal. Mas embora em termos de informação possamos fazer recuar até 1801 essa abordagem, a verdade é que as grandes mudanças ao nível da repartição etária datam das últimas décadas, sendo associados ao fenómeno marcante na actualidade, que é o do envelhecimento da estrutura etária das populações. A NUT Minho Lima não foge à tendência global do Portugal do século XX, pautado pela redução gradual e rápida da importância da população com idades jovens, consequência da descida sustentada dos níveis de fecundidade a partir dos anos 20²³, acompanhado pelo aumento de importância percentual e absoluta de indivíduos com idades avançadas, e em parte explicado pelo aumento da esperança média de vida da população. No espaço considerado haverá que juntar os efeitos das migrações, que contribuem para distorcer o equilíbrio entre sexos e nos grupos em idade activa.²⁴ (Tabelas 10 a 12)

23 Embora só ganhem significado a partir de meados da década de 70. O ano de 1982 inicia o processo de envelhecimento da base da estrutura etária portuguesa, por ser o primeiro em que a substituição das gerações deixou de estar assegurada. Os 2,1 filhos médios por mulher, valor mínimo para o efeito, descem pela primeira vez a 2,0, registando progressivas diminuições até à actualidade. Neste momento oscila entre 1,4 e 1,5 filhos/mulher.

24 Cf. Tabelas 10 a 12. A redução da população em idade activa, principal afectada pelos movimentos migratórios contribui para o aumento (no caso da imigração) ou redução (emigração) do peso relativo percentual dos dois grupos etários extremos.

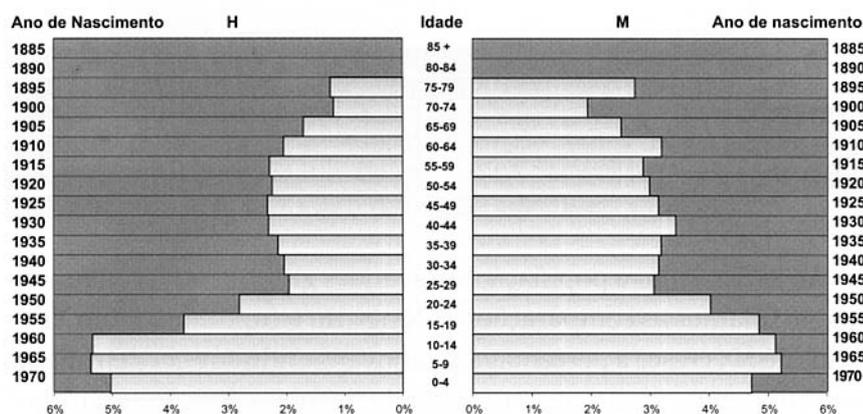
Tabela 10 - Estrutura etária da população de Viana do Castelo (1970-2001)

Grupos de idade	1970		1981		1991		2001	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
0 a 4	12585	11820	10613	10322	6878	6574	5875	5584
5 a 9	13435	13090	11907	11623	8897	8474	6313	6033
10 a 14	13365	12840	12628	12318	10506	10271	7185	6751
15 a 19	9440	12140	11762	12173	10456	10881	8946	8628
20 a 24	7040	10085	9478	10026	8640	9379	9112	9263
25 a 29	4905	7675	6814	7989	7797	8793	8725	9012
30 a 34	5120	7880	5489	6996	7729	8417	7940	8502
35 a 39	5370	7985	4720	7080	6975	7890	8176	8994
40 a 44	5790	8605	5178	7627	6114	7473	8196	8798
45 a 49	5825	7870	5972	8335	5621	7317	7403	8188
50 a 54	5625	7495	6091	8424	5784	7767	6530	7757
55 a 59	5735	7220	6428	8033	6500	8456	6125	7762
60 a 64	5130	8015	5700	7193	6476	8343	6317	8194
65 a 69	4280	6295	5217	6977	5953	7702	6637	8689
70 a 74	2980	4870	4016	6300	4660	6311	5346	7612
75 a 79	3120	6880	2542	4724	3317	5101	4098	6222
80 a 84			1242	2764	1767	3571	2376	4050
85 a 89			557	1556	897	2372	1158	2382
90 a 94							297	852
95 a 99							48	175
100 +							5	19
Total	109745	140765	116354	140460	114967	135092	116808	133467

Na prática, a estrutura etária e por sexos dos residentes locais esteve sujeita a alterações significativas na última parte da centúria, que a representação gráfica permite destacar, a partir dos momentos concretos que escolhemos. (Figura 3) Em 1970, a configuração da pirâmide do distrito de Viana do Castelo já se afasta do modelo natural esperado, devido ao efeito da sobremasculinidade migratória.

A base da pirâmide é larga, como resultado de níveis significativos de fecundidade, a que sucede uma redução rápida dos grupos etários seguintes. O topo da pirâmide é menos estreito que o esperado e nele é visível a vantagem feminina em termos de sobrevivência nas idades mais avançadas. À medida que avançamos no tempo, esta configuração sofre alterações, sobretudo na representatividade das primeiras idades. (**Tabela 11**) A população recenseada na Primavera de 1981 apresenta alguns sinais inequívocos dos efeitos de duplo envelhecimento²⁵, que não deixa de se acentuar nos anos seguintes, culminando nos resultados da última contagem geral da população. A maior alteração verifica-se nos anos 90.

Figura 3 - Estrutura etária da população de Viana do Castelo (1970 e 2001)



²⁵ Falamos de envelhecimento da população quando ocorre uma diminuição da representatividade dos grupos de indivíduos com idades mais jovens, provocada pela descida persistente dos níveis de fecundidade, situação típica dos países europeus. Este processo, designado em termos demográficos envelhecimento na base, tem sido acompanhado pelo aumento rápido do número e importância relativa da população com idades mais avançadas, resultado da melhoria das condições de vida e assistência médica e consequente aumento da longevidade. O aumento do número de pessoas idosas permite falar de envelhecimento do topo. A situação de duplo envelhecimento é a mais comum nas sociedades actuais (poucos jovens e muitos idosos).

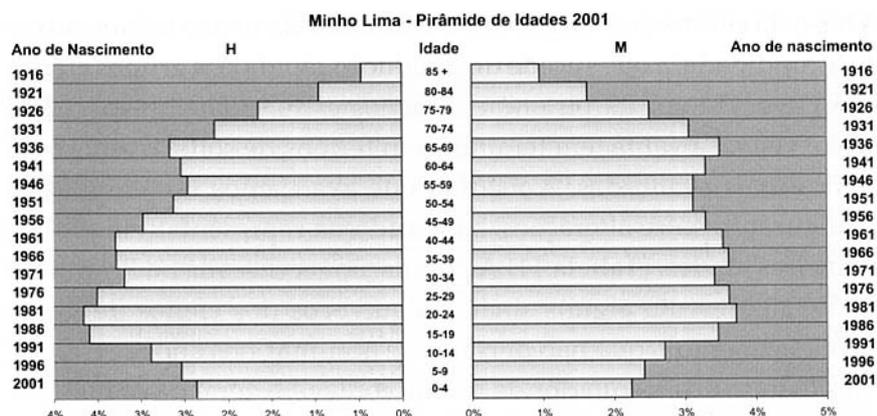


Tabela 11. Evolução da População do Minho Lima por Grupos de Idade (1970-2001)

	1970			1981			1991			2001		
	H	M	TOTAL									
Jovens (0 - 14 anos)	39385	37750	77135	35148	34263	69411	26281	25319	51600	19373	18368	37741
Adultos (15 - 64 anos)	59980	84970	144950	67632	83876	151508	72092	84716	156808	77470	85098	162568
Idosos (65 + anos)	10380	19045	28425	13574	22321	35895	16594	25057	41651	19965	30001	49966
	109745	140785	250530	116354	140460	256814	114967	135092	250059	116908	133467	250375

Ao agregarmos a população em grandes grupos etários ou funcionais, facilitamos as comparações ao longo do tempo. No século XIX e inícios de XX cresce a percentagem de jovens e adultos em detrimento dos mais velhos, como consequência da primeira vaga imigratória.²⁶ A partir dos anos 20, a descida dos níveis de fecundidade e a manutenção do fenómeno imigratório, causado pela segunda fase de crescimento da zona, provocam o gradual declínio do peso relativo das primeiras camadas etárias e engrossam o grupo da população nas idades activas. Cresce em simultâneo o número de idosos, devido ao aumento da esperança média de vida. No último quartel da centúria,

²⁶ Teresa Rodrigues Veiga, *A População Portuguesa no Século XIX*, pp.79-91

activos e idosos representam mais de dois terços do total. Entre 1970 e 1991, a percentagem de jovens diminuiu 33%, enquanto aumentou 48% a representatividade da população com 65 e mais anos. Na zona Norte, o Minho Lima é das zonas com menor percentagem de jovens, só ultrapassado pelo Alto Trás-os-montes.

Tabela 12 - Índices – Resumo da População do Minho - Lima (1970-2001)

	1970	1981	1991	2001
% Jovens	30,8	27,0	20,6	15,1
% Potencial. Activos	57,9	59,0	71,0	65,0
% Idosos	11,3	14,0	16,7	20,0
Índ. Juventude	271,4	193,4	123,9	75,5
Índ. Vitalidade	19,6	23,7	26,6	30,7
Índ. Dependência Jovens	53,2	45,8	32,9	35,1
Índ. Dependência Idosos	19,6	23,7	26,6	30,7
Índ. Dependência Total	72,8	69,5	59,5	54,0
Índ. Juventude Pop.Activa	115,3	119,6	124,5	116,0
Índ. Renovação Activos	113,8	125,4	92,2	127,1
Índ. Longevidade	35,2	37,3	40,9	43,4
Índ. Maternidade	39,2	34,8	22,4	18,7
Índ.Tendência	92,0	89,0	77,4	92,8
Índ.Potencialidade	104,8	108,5	117,2	103,1

Fonte: X^o a XIV^o Recenseamento Geral da População Portuguesa, INE, Lisboa, 1971 a 2002

Em termos genéricos poderíamos dizer que, neste final de centúria, os residentes locais acompanham as tendências gerais do país, porventura acentuada pelas características atractivas que parecem desenhar-se nos últimos anos. Assim, a estabilidade que caracteriza na última década do século XX em termos do número total de re-

sidentes esconde uma grande diversidade de situações. Nesses dez anos os jovens com idades inferiores a 15 anos diminuem 26,7%, os adultos jovens, com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos, descem uns 7%, aumentando 7,3% a população adulta dos 25 a 64 anos. A grande surpresa reside na população idosa, que em apenas dez anos regista uma variação positiva de 19,8 pontos percentuais.

Nascem cada vez menos crianças, existem portanto menos jovens, e vive-se até mais tarde, o que aumenta o número e representatividade da população idosa. Em 1900, os jovens da região correspondiam a mais de 30% do total de residentes e os maiores de 65 anos a pouco mais de 6%. Em 1970, essas percentagens fixavam-se 31 e 11%, respectivamente, valores ainda pouco preocupantes e dos mais favoráveis a nível nacional. Mas de seguida as alterações sucedem-se a um ritmo bastante intenso. (**Tabela 11**) Os primeiros escalões etários, que já estavam a perder importância relativa, diminuem em termos reais a partir dos anos 80. Eles representam 24.5, 18.5, 15.1% em 1981, 1991 e 2001, respectivamente. Neste momento os idosos excedem em 5 pontos percentuais os jovens (mais 12 mil indivíduos com 65 ou mais anos). Este último escalão representava 14, 16,7 e 20% nos três últimos processos censitários, dos quais 60% do sexo feminino, valor que espelha a menor longevidade masculina.

Estas mudanças têm repercussões noutros indicadores de carácter mais específico (**Tabela 12**). Referimo-nos, a título de exemplo, ao Índice de Dependência Total, o qual avalia a intensidade dos grupos inactivos e a pressão que em cada momento estes exercem nas camadas economicamente produtivas. Quando os seus resultados se aproximam do valor 100, é sinal de que o número de dependentes excede o de activos, o que nunca acontece na região Minho Lima. Pelo contrário, essa relação parece beneficiar nas últimas décadas os sectores activos da região, já que existem apenas 54 dependentes por cada 100 activos. A grande fonte de preocupação surge quando se ensaiam as explicações para esta descida, que é provocada pela

forte diminuição da importância das camadas jovens, como reflecte o Índice de Vitalidade. Em meados da centúria existia 1 idoso por cada 6 jovens, hoje essa relação é de 2 idosos por cada 3 jovens.²⁷ Falamos também de idosos mais velhos, como se pode inferir dos resultados do Índice de Longevidade, que compara o número de indivíduos com 75 e mais anos com os de idades compreendidas entre os 65 e os 74 anos. Nas últimas décadas, a dinâmica de envelhecimento da população privilegiou claramente os mais idosos dos idosos, que neste momento correspondem já a 43% do grupo. Só nos últimos dez anos este escalão registou um acréscimo de 27 pontos percentuais. Em 2001 existiam 13700 mulheres e 7982 homens com 75 ou mais anos de vida. O Minho Lima regista os valores mais elevados da região Norte no que respeita a estes grupos etários.

Um último aspecto relacionado com o processo global de envelhecimento das estruturas é sugerido pela análise dos Índices de Juventude e Renovação da População Activa e prende-se quer com a descida dos níveis de fecundidade e do número médio de filhos por mulher, quer com o aumento da esperança de vida. Embora inserido numa zona privilegiada, a região não é tão jovem quanto outras NUT III. Nas últimas décadas, as camadas mais jovens da população activa (entre 15 e 39 anos) sofrem uma gradual perda de vantagem face ao grupo com idades compreendidas entre os 40 e os 64 anos. Em 2001, por cada centena destes últimos existem apenas 116 dos primeiros, o que representa uma descida em relação a 1991. Trata-se, não obstante, de uma situação relativamente confortável no contexto nacional e que parece indicar que ainda não está em perigo a garantia de renovação dessas camadas, como sugere o aumento progressivo do Índice de Renovação, nos anos 90, a mostrar que por cada centena de indivíduos prestes a deixar a actividade, entra no mercado de trabalho um número superior de pessoas jovens. O papel das migrações parece

²⁷ Ainda assim, uma situação vantajosa, como demonstra o lugar ocupado no Índice Demográfico do País.

ser determinante nesta alteração de tendências e poderá explicar o aumento registado nos valores totais da população estimada para o final de 2004. No entanto, ele não é acompanhado por uma qualquer subida do número anual médio de nascimentos, embora possamos esperar que a imigração, a manter-se, tenha algum efeito positivo no total de crianças com idades compreendidas entre os 0 e os 4 anos. Com efeito, o Índice de Tendência, que pondera a relação de grandeza entre o primeiro e segundo grupo de idades (0-4 e 5-9 anos), parece indiciar um ligeiro agravamento, o que inviabiliza qualquer previsão sobre o futuro alcance da mudança de tendência migratória.

**Cenários de futuro*

A análise que acabámos de efectuar pode ser enriquecida com algumas observações relativas ao futuro da região, do ponto de vista da dinâmica demográfica esperada. A nossa vida quotidiana depende cada vez mais da tomada de opções práticas, que definem o nosso modo de actuar sobre o futuro próximo ou mais afastado no tempo. Reconhecer os "*factos portadores de futuro*", imaginar os futuros possíveis e tomar iniciativas para que eles se concretizem ou não, consoante sejam ou não desejáveis, deixou de ser uma tarefa impossível, para passar a constituir um objectivo a concretizar. O passado é o tempo das coisas feitas e de uma memória a preservar, o futuro é o tempo das coisas a fazer. Entre os dois existem relações de continuidade, mas também de independência. De continuidade vital, porque as invariantes da mudança são tão importantes como a determinação das tendências dominantes, já que evidenciam o que não muda.²⁸ De independência, porque nem todo o futuro está inscrito no passado, uma vez que existem graus de liberdade, os quais, por insignificantes que sejam, o podem mudar.²⁹

28 "*há coisas que não mudam ou mudam muito lentamente*".

29 "*há tendências que podem ser invertidas por uma simples ocorrência (caso dos movimentos migratórios)*"

“Encontrar nos factos passados e presentes o que eles anunciam é mais importante do que encontrar o que eles explicam.”³⁰

Com este propósito decidimos incluir no presente estudo algumas hipóteses de evolução das gentes minhotas no horizonte temporal dos próximos anos (até 2020). Para tanto consideramos as seguintes hipóteses de partida:

1. Na última década do século XX o volume de população estabilizou. No entanto, o número de residentes esteve a decrescer desde 1950, apenas com uma interrupção na década de 70. No primeiro quinquénio desta centúria as estimativas elaboradas pelo INE sugerem um aumento ligeiro, embora ténue. Será que em termos locais se trata de uma inversão de tendência sustentada e que se irá manter nos próximos quinze anos?

2. A região Minho Lima, historicamente uma zona de emigração, tem na actualidade um crescimento explicado apenas por fluxos migratórios positivos, já que o seu saldo natural é negativo.

3. O aumento de população está a ser mais intenso nos concelhos fronteiros à sub-região do Cavado, a qual mantém movimentos pendulares com o Minho Lima, possíveis pela melhoria das infra-estruturas regionais, nomeadamente ao nível das vias de comunicação.

4. A região da Galiza não é atractiva para a fixação da população natural do Minho Lima, mas esta última poderá servir de elo de ligação à primeira, o que poderá tornar-se um factor de desenvolvimento local.

5. A capacidade de atracção do Minho Lima poderá ser sustentada, se considerarmos o esforço feito ao nível da melhoria dos índices de Desenvolvimento Humano e Social, sobretudo se for acompanhado pela subida dos indicadores de actividade económica.

³⁰ Teresa Rodrigues, *Manual de Prospectiva Demográfica*, ISEGI, Lisboa, 2006 (policopiado)

Assim sendo, o exercício prospectivo deverá ter em conta os seguintes pressupostos:

1. Será que a região irá continuar a constituir uma região atractiva até 2020? A verificar-se, qual a intensidade dessa tendência?

2. Será a vantagem migratória suficiente para colmatar a tendência natural negativa actual? Que evolução terá o saldo entre o volume natural (nascimentos – óbitos), num cenário provável de agravamento do estado de envelhecimento das estruturas etárias?

3. Até que ponto o facto do Minho Lima ser uma zona de atracção migratória irá esbater ou evitar o envelhecimento da população regional?

Em termos metodológicos o presente exercício apoia-se no método de análise por componentes.³¹ Entre outros aspectos, este método tem a vantagem de permitir traçar tendências de evolução diferencial para cada uma das variáveis microdemográficas (mortalidade, fecundidade e movimentos migratórios), baseados numa ponderação feita a partir de variáveis não demográficas, como a qualidade de vida local e/ou os projectos de desenvolvimento em curso ou previstos para a região considerada.³² Pressupõe um primeiro diagnóstico sobre as características relevantes da população de partida, que incluem informações sobre o passado recente, subdividido em termos de tendência global (macrodemográfica), natural pesada (diferença entre nascimentos e óbitos) e migratória.

1. Diagnóstico: Dinâmica Demográfica recente (1970-2000)

A nível global recente, vimos que a região apresenta saldos naturais negativos nas duas últimas décadas, embora com níveis de mortalidade e fecundidade superiores à média do país. (**Tabela 13**)

³¹ Aplicado a 1 de Janeiro de 2005, 2010, 2015 e 2020, a partir de grupos de idade quinquenal, sexos separados (5 x 5).

³² Teresa Rodrigues, *Manual de Prospectiva Demográfica*, pp.16 e segs.

No que respeita aos valores de mortalidade geral observa-se uma ligeira redução, que é acompanhada pela diminuição de 14,2% dos níveis de mortalidade infantil, embora ambas permaneçam superiores à média portuguesa.³³ O mesmo sucede em termos do número médio de anos de vida da população local, que continuava no início dos anos 90 inferior à portuguesa e da Região Norte. Mas esta desvantagem está actualmente resolvida, já que em 1995 e 2001 os residentes locais possuíam uma esperança de vida à nascença superior em 4 meses à média da região Norte.³⁴

Ao nível da natalidade e fecundidade, a evolução parece idêntica à verificada na maioria das regiões portuguesas. Assistimos nos últimos anos à redução desses níveis, hoje inferiores à média da Região Norte e de Portugal.³⁵

Tabela 13. Alguns Indicadores de Natalidade e Mortalidade (1970-2001)

ANOS	TBN (‰)	TBM (‰)	TMI (‰)	E0 (HM)
1970	-	11,56	68,07	-
1981	15,81	11,23	11,23	-
1991	10,69	12,61	8,15	74,2
1995	9,4	-	-	-
2001	9,8	11,5	7,0	77,2

Por seu turno, os saldos migratórios, negativos nas últimas décadas, tornam-se positivos após 1997. A proximidade à região de Braga, a melhoria exponencial da rede viária e a aposta gradual na actividade turística torna mais atractiva a fixação. No entanto, ela não se efectua por todo o Minho Lima, mas parece vir a beneficiar

³³ Actualmente situada em 4,9‰ (Estimativas da População Residente. Portugal, 1991-2001, INE, Lisboa, 2000, p.27).

³⁴ *Estimativas da População Residente. Portugal, 1991-2001*, INE, Lisboa, 2000, p.29.

³⁵ *Estimativas da População Residente. Portugal, 1991-2001*, INE, Lisboa, 2000, p.p.25.

sobretudo os concelhos de Caminha, Ponte de Lima, Ponte da Barca e Viana do Castelo. Este último apresentou também na década passada movimentos pendulares fortes com os concelhos envolventes. A duração média desses movimentos era no entanto baixa, indício de movimentos de curta distância.

Em termos globais, a taxa de atracção estimada para a NUT foi de 2,5% entre 1995 e 2001, superior à média da zona Norte. Entre 1991 e 2001, esta última tornou-se um pouco mais atractiva, com o Minho Lima e o Alto Trás-os-montes a constituírem as sub regiões mais dinâmicas. Não obstante, em 2001 menos de 1% da população residente possuía nacionalidade estrangeira, valor reduzido no contexto nacional, onde ascende a 5%.

Tabela 14. Saldo Natural e Saldo Migratório (1991-2000)

SALDOS	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
NATURAL (N-O)	-452	-445	-499	-510	-610	-648	-683	-541	-592	-492
MIGRATÓRIO (I-E)	-357	-225	-637	-331	-163	-27	138	249	434	722

2.Hipóteses Prospectivas: Dinâmica Demográfica futura (2000-2020)

Ao nível das **Tendências Naturais Pesadas** sabemos que hoje o Minho Lima apresenta níveis médios de mortalidade e fecundidade ainda superiores aos nacionais. No entanto, prevê-se um esbater das diferenças entre zonas geográficas. Ao nível da mortalidade, esta aproximação será possível pela melhoria da prestação de cuidados de saúde, pela rapidez das acessibilidades, pela homogeneização do acesso a informação preventiva, pelo aumento gradual da esperança média de vida à nascença.³⁶ Quanto à fecundidade, a vantagem da

³⁶ Utilizámos as Tábuas-Tipo de Princeton, Modelo W, Níveis 24 (2000/05), 25 (2005/15) e 26 (2015/20). (Teresa Rodrigues, *Manual de Prospectiva Demográfica*, pp.22-25).

região Norte, considerada uma espécie de reserva demográfica do país, parece perdida e nada leva a crer que será alterada do ponto de vista dos comportamentos colectivos, mesmo num contexto favorável de políticas familiares. A diminuição gradual do volume de nascimentos continuará, na relação inversa do aumento de participação feminina no mercado de trabalho, da subida dos níveis de instrução e do aumento da idade média ao primeiro filho. Assim, parece-nos legítimo adoptar os níveis constantes da **Tabela 15** como critérios de estimativa para os quinquénios considerados (2000-2005, 2005-2010, 2010-2015 e 2015-2020).

Tabela 15. Análise Prospectiva - Critérios de Estimativa de Tendências de Mortalidade, Natalidade e Migrações (2000-2020)

2000-2005	2005-2010	2010-2015	2015-2020
TMI =7.0‰ E0H=74; E0M=80	TMI =5.0‰ E0H=76; E0M=83	TMI =5.0‰ E0H=76; E0M=83	TMI =4.0‰ E0H=79; E0M=85
Nasc.(estimados) = 11286 (H=5778; NascM=5508)	Nasc.(estimados) = 10870 (NascH=5585;NascM=5304)	Nasc.(estimados) = 10280 (NascH=5263;NascM=5017)	Nasc.(estimados) = 9674 (NascH=4953;NascM=4721)
SMigr. = +5400/5 anos l.c.m. = 0,0%	CONSTANTE	CONSTANTE	CONSTANTE
Taxa Cresc.Ano = - 0,47%	Taxa Cresc.Ano = - 0,45%	Taxa Cresc.Ano = - 0,30%	Taxa Cresc.Ano = - 0,39%

A aplicação dos pressupostos acima enunciados resulta numa esperada evolução gradual de sentido negativo quanto ao volume de residentes, se apenas baseado na relação entre total de nascimentos e óbitos da. De acordo com os resultados do Cenário de Tendência Natural Pesada, entre 2001 e 2020, a população minhota passaria de 250275 para 230557 indivíduos, uma perda de cerca de 20 mil pessoas em apenas duas décadas. Esta descida seria acompanhada pelo acentuar do envelhecimento da estrutura etária da população, embora mantendo as suas características em termos de distribuição nos grupos de idade quinquenal. Em 2020 as percentagens de jovens

e idosos ascenderiam a 14,0 e 21,3%, respectivamente. Por cada 100 residentes com 65 ou mais anos existiriam apenas 33 jovens com menos de 15 anos. No entanto, se confrontarmos estas estimativas com os valores actuais (**Tabela 12**) veremos que o agravamento não é demasiado intenso.

Mais optimistas são os resultados da análise prospectiva se lhe agregarmos o contributo dos **Cenários Migratórios**. Admite-se um cenário atractivo global a este respeito, que mantivemos constante no período 2000-2020. Esta opção metodológica baseia-se nas previsões disponibilizadas pelo INE, e decorre das previsões pouco optimistas que se desenham sobre a conjuntura económica nacional e internacional a longo prazo, com impacto no volume dos contingentes oriundos da Europa central e de leste, na sequência do alargamento da União Europeia. Ao aplicarmos a estrutura dos movimentos migratórios das Nações Unidas³⁷ obtemos novos valores sobre o total de população do Minho Lima, que se mantém quase estável na primeira década do século XXI e só começa a diminuir de forma ligeira a partir de então. Em termos de características de distribuição por idades podemos falar de uma melhoria. Atenuam-se os efeitos do duplo envelhecimento.

³⁷ Teresa Rodrigues, *Manual de Prospectiva Demográfica*, pp.52 e segs..

Chegamos assim aos seguintes resultados finais, com e sem o efeito migratório:

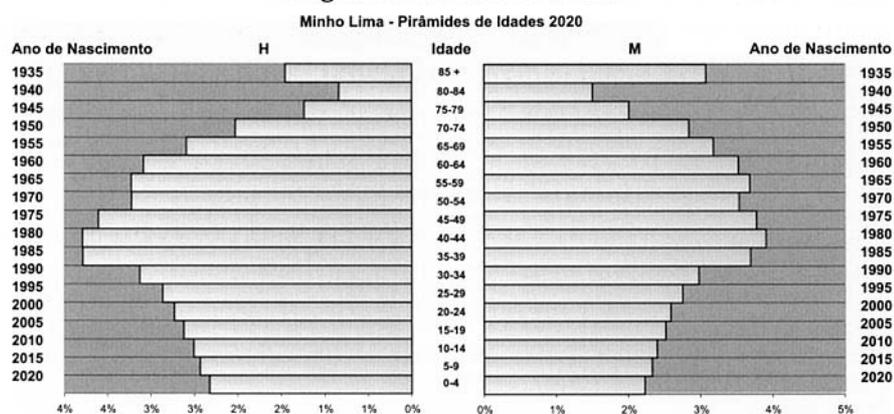
	1990	2000	2005	2010		2015		2020	
				Cenário 1	Cenário 2	Cenário 1	Cenário 2	Cenário 1	Cenário 2
População	250.059	250.275	244.455	239.028	243.085	235.132	239.832	230.577	237.481
População Masculina	114.967	116.808	114.626	112.381	114.576	110.946	113.297	109.211	112.668
População Feminina	135.092	133.467	129.829	126.647	128.509	124.186	126.535	121.366	124.813
Pop. 0-14	20,6	15,1	14,4	14,3	14,6	14,2	14,4	14,0	14,2
Pop. 15-64	62,7	65,0	65,5	65,8	65,7	65,4	65,6	64,7	65,0
Pop. 65+	16,7	20,0	20,1	20,0	19,7	20,4	20,0	21,3	20,8
Taxa de fecundidade geral	46,7	45,8	44,8	42,4	42,4	42,4	42,4	42,4	42,4
Índice sintético de fecundidade	1,5	1,4	1,3	1,3	1,3	1,3	1,3	1,3	1,3
Taxa de mortalidade infantil	8,2	7,0	5,0	4,0	4,0	4,0	4,0	4,0	4,0
Índice de Vitalidade	123,9	75,5	71,5	71,3	74,4	69,8	71,6	65,8	68,5
Índ. Renovação de activos	116,2	127,1	131,6	111,2	113,7	85,6	90,2	74,2	80,8
Esperança de vida à nascença (HM)	73,0	76,0	77,0	79,0	79,0	79,0	79,0	79,0	79,0
Esperança de vida à nascença (H)	71,0	73,6	74,0	76,0	76,0	76,0	76,0	76,0	76,0
Esperança de vida à nascença (M)	75,0	77,5	80,0	83,0	83,0	83,0	83,0	83,0	83,0

Cenário 1 - cenário tendência natural

Cenário 2- cenário de atracção moderada

A nível das características de distribuição da população por sexos e nas diferentes idades, as previsões mais optimistas são as representadas na **Figura 4** e permitem visualizar a inevitabilidade do duplo envelhecimento das populações locais, marcado pela concentração nos escalões etários mais idosos, acompanhada pela diminuição do volume de jovens, à semelhança do que se prevê para todo o País.

Figura 4 - Estrutura etária da população de Viana do Castelo – Cenário Migratório Atractivo (2020)



3. Discussão de Resultados (2000-2020)

No quadro que se segue apresenta-se a síntese dos resultados obtidos após a realização do exercício prospectivo, distinguindo o efeito positivo das migrações no contexto local:

Sem Migrações	Com Migrações
Diminuição do número de residentes	Cenário mais promissor
Inversão das percentagens dos grupos extremos	Diminuição menos acentuada do número de residentes
Envelhecimento acentuado das estruturas etárias	Níveis de envelhecimento menos gravosos
Aumento da população do sexo feminino (maior longevidade)	
RESULTADO FINAL (2000-2020)	
Diminuição do número de residentes	
Progressivo envelhecimento das estruturas etárias	
Aumento da população do sexo feminino (maior longevidade)	
A chave do futuro da região reside no comportamento da região face às migrações	

Em linhas gerais, a análise prospectiva efectuada entre 2000 e 2020 permite concluir que a NUT Minho Lima irá perder efectivos, embora de forma pouco acentuada. Trata-se de uma população envelhecida, com grandes percentagens de idosos e baixas percentagens de jovens, onde continuará a predominar o sexo feminino. As migrações, de

saldo positivo embora moderadas, não conseguem inverter estas tendências, embora atenuem os seus efeitos e retardem a cronologia e intensidade do processo. Só uma política racional e de incentivos efectuados a níveis diversos conseguirá, porventura, criar as condições necessárias para travar o processo de declínio da fecundidade e contribuir para minorar o contínuo de saídas de população jovem em idade activa de certas regiões, viabilizando uma redistribuição mais harmoniosa da população no território e garantindo deste modo um melhor futuro.

Figura 1. A Região do Minho Lima



ANEXO A – Evolução da População Total, por concelhos (1801-2001)

	1801	1849	1864	1890	1900	1911	1920	1930	1940	1950	1970	1981	1991	2001
Arcos de Valdevez	23626	28983	29064	31271	31968	33587	33306	32163	37283	39381	34365	31156	26976	24761
Caminha	9232	12167	13154	14576	15288	16373	15283	15810	16414	17876	13680	15883	16207	17069
Melgaço	6672	9472	14625	15428	15558	16312	15421	15758	17689	17798	15805	13246	11018	9996
Monção	21869	24972	22287	14867	24877	26800	25448	24585	27566	28040	24600	23799	21799	19956
Paredes de Coura	8453	10618	12386	12994	13091	13875	14082	14412	15549	16062	12970	11311	10442	9571
Ponte da Barca	10605	9488	12358	12366	12962	13191	13049	13634	15069	17043	14745	13999	13142	12909
Ponte de Lima	21093	29869	32260	32148	33314	34735	35537	36256	40832	43969	42395	43797	43421	44343
Valença	10559	13984	14810	14462	15255	15483	15249	16034	16903	17139	12850	13948	14815	14187
Vianna do Castelo	30122	36084	42526	46259	47311	51466	52858	53380	62856	70331	70455	81009	83095	88631
Vila Nova de Cerveira	6453	9401	10241	9850	9691	9825	9889	10794	10922	11666	8645	8666	9144	8852
Minho - Lima	148684	185038	203711	204221	219315	231647	230122	232826	261083	279305	250510	256814	250059	250275

FONTE: IX^o a XIV^o Recenseamentos Gerais da População Portuguesa, 1960-2002